



WAIT

André Banha

Andres Serrano

António Júlio Duarte

António Olaio

Carla Cabanas

Dalila Gonçalves

Eugenio Ampudia

Gonçalo Barreiros

João Ferro Martins

João Pombeiro

Luísa Jacinto

Orlando Franco

Paulo Mendes

Pedro Cabral Santo

Rodrigo Taveira Peixoto

Samuel Beckett

Sara & André

Susana Anágua

Tiago Baptista

Curadoria de Orlando Franco

Exposição temporária
Piso -1

Português

31/01 – 14/04/2019

 **Museu
Coleção
Berardo**

WAIT: LITTLE ORLANDO FRANCO LEFT TO TELL

«Nothing is left to tell.

[Pause. R makes to close book.

Knock. Book half closed.]

Nothing is left to tell.

[Pause. R closes book. Knock.]»

Samuel Beckett, *Ohio Impromptu* (1980)

Esperar é uma ação cotidiana que, de forma consciente ou inconsciente, se cruza constantemente com os mais distintos momentos da nossa vida. Ainda que seja uma constatação pragmática sobre a existência do ser humano, o que acabo de escrever não deixa de ser tanto um enorme lugar-comum como uma verificação à qual chegamos sem que haja necessidade de despender grande esforço. Somos confrontados todos os dias com situações de espera que ou ocorrem alternadamente ou surgem em simultâneo, apresentando-se com graus de importância diversos nas nossas agendas. Muitas vezes, a espera pressupõe uma ação; noutras, acontece imersa em imobilidade. Predominando sobre todas as condicionantes da vida, assume uma clara visibilidade em determinados contextos; noutros, manifesta-se de um modo muito subtil. Dependendo de como nos atinge, na hierarquia de prioridades, esperar pode fazer-se notar subtilmente ou de forma presente, quase totalitária. Por exemplo, numa situação de importância relativa, como quando aguardamos pelo autocarro, as nossas expectativas correspondem à função logística que este representa. No entanto, ao esperarmos com ansiedade pelo nascimento de um filho, o sentimento expectante pode envolver a totalidade das nossas ações e dos nossos movimentos, dos nossos sentimentos e das nossas emoções. Este estado, que tanto diz respeito

à vida humana, rodeia-se frequentemente de outros aliados, que provêm da ordem dos sentimentos e das sensações e põem à prova os limites do indivíduo: a falha, o erro, a frustração, a culpa, o desejo, a necessidade, por exemplo.

O problema da representação na arte surgiu enquanto sintoma dos tempos do pós-guerra, tendo abrangido grande parte da comunidade artística e intelectual da Europa. Samuel Beckett abordou esta questão: a dificuldade — quiçá impossibilidade — de pensar a arte como elemento representativo após a Alemanha nazi¹¹. Com efeito, o enorme interesse da obra do dramaturgo irlandês advém precisamente de um questionamento permanente dos limites da representação, do corpo, da linguagem e do espaço enquanto elementos transversais à arte.

Assim encontramos na obra de Beckett um conjunto de condicionantes que operam na vida do sujeito, expondo por completo a predominância das ações quotidianas de espera, de expectativa, do absurdo, da repetição, de controlo e de frustração. Em *En attendant Godot* (1952) e *Happy Days* (1961), a vivência é reduzida a um conjunto de atividades que dependem diretamente das operações de uma espera envolta em expectativa — ou de determinados limites e condicionantes existenciais impostos ao indivíduo.

Quanto mais conscientes da passagem do tempo num momento de espera prolongada estamos, mais nos confrontamos com um cansaço prematuro que culminará num estado de exaustão. Sobre este assunto, Gilles Deleuze aponta que, de forma transversal, as personagens de Beckett são eminentemente marcadas pela exaustão

ou pelo esgotamento. Curiosamente, é a partir deste estado que tudo começa. Quando da apresentação das personagens, pressupõe-se a existência de uma narrativa anterior; esta, porventura longa e extenuante (como se subentende), a ponto de as levar àquela condição, é muitas vezes um ponto de partida. Num *loop*, este momento define precisamente a conexão entre o fim e o início. Muitas vezes, nada sabemos sobre esse «antes», mas tudo se desenrola a partir do momento em que a exaustão produz um efeito de desinteresse no sujeito. Como refere Deleuze: «Somente a pessoa exausta é suficientemente desinteressada, suficientemente escrupulosa.»^{III}

É neste ponto que encontramos as personagens de *Ohio Impromptu*^{IV}, implicadas num texto repleto de memórias que conduzem a imagens do passado, recordando a noção de «imagem autêntica»^V. Naquela obra, assiste-se a um diálogo entre um leitor, que lê o livro que segura, e um recetor, que jamais verbaliza seja o que for. Este ouve e atua através de gestos e expressões: o punho bate na mesa solicitando uma pausa ou um recuo no texto; as expressões faciais indicam empatia ou antipatia por aquilo que o leitor vai dizendo. Estas duas personagens encarnam dois sujeitos — ou um sujeito e o seu duplo: o seu reflexo; a sua consciência; a sua memória.

Aqui, a partir desta peça, interessa-me suscitar uma analogia entre o artista e a obra. Nesta relação, assistimos a um diálogo que se revela a partir da escuridão, que decorre entre silêncios, pausas e interrupções. A obra apresenta sempre um diálogo latente entre si mesma e o artista.

Somos naturalmente herdeiros desta dificuldade representativa do pós-guerra,

tratada de forma exemplar e entusiasmante na obra de Beckett. Assim, *WAIT* procura assinalar um momento de reflexão sobre as temáticas adjacentes e encontrar um ponto de situação atual. Com este fim, para esta publicação, preparou-se um questionário dirigido a todos os artistas da exposição com o intuito de auscultar as respetivas opiniões e reflexões sobre, por exemplo, o papel do artista hoje, a sua relação com o mundo, o seu comprometimento com a sua obra e o peso que a temática da espera assume no seu entendimento.

Mais do que criar uma perspetiva fatalista sobre a questão da espera, a exposição procura indicar direções que recuperem campos de possibilidades tão diversos quanto as especificidades de cada obra — em media como pintura, fotografia, escultura, instalação ou vídeo —, atentando também no seu potencial de relação. *WAIT* propõe um percurso com uma aura cénica, com o propósito de envolver ao máximo o espectador numa experiência em que, direta ou indiretamente, se tome consciência da perceção do tempo: a condicionante que opera no ato de esperar e marca todas as suas possibilidades relacionais. As obras apontam-nos várias pistas temáticas, como o desejo, a tensão entre corpo e espaço, a fotografia e a morte, a memória, o confronto com o impossível e a vida em suspenso.

I Samuel Beckett, *The Complete Dramatic Works* (Londres: Faber, 2003).

II Tema desenvolvido em profundidade em *O recomeço da pintura, segundo Beckett* (2014), de Tomás Maia.

III G. Deleuze e A. Uhlmann, «The Exhausted», em *SubStance* (Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1995), vol. 24, n.º 3, pp. 3–28.

IV A partir da peça para televisão realizada por Charles Sturridge em 2000, com Jeremy Irons como protagonista. Este trabalho faz parte do projeto *Beckett on Film* (2000–2002), que consiste em 19 peças adaptadas para o formato televisivo. Foi concretizado sob a orientação de Michael Colgan, na altura diretor artístico do Gate Theatre, em Dublin.

V A imagem que, no instante em que se deixa reconhecer, lança um raio que não voltará a ver-se, revelada e ocultada pela mesma essência que as faz viver: a luz. Esta ideia é desenvolvida por Walter Benjamin em torno do conceito de «imagem dialética» em «On the Theory of Knowledge, Theory of Progress», *Arcades Project* (1927–1940).



Serviço Educativo

Visitas orientadas e atividades para escolas e famílias

Marcações e mais informações
T. 213 612 800
servico.educativo@museuberardo.pt
www.museuberardo.pt/educacao

Conversas

Mesa redonda com artistas
30 de março, sábado, às 17h00

Visitas temáticas

A Máquina do Mundo, por Susana Anágua

23 de fevereiro
e 16 de março,
sábados, às 16h00

Atividades

Visita com Orlando Franco,
curador da exposição
13 de abril, sábado, às 16h00

Capa: Andres Serrano, *The Morgue (Infectious Pneumonia)*, 1992.
Impressão Cibachrome em moldura do artista. Museu Coleção Berardo

Contracapa: Samuel Beckett, *Not I*, 1972 (1977). Vídeo monocanal, a preto e branco, com som, 11' 52". Coleção MACBA, Consórcio MACBA. © Samuel Beckett, 2018



Catálogo da exposição (bilingue): *WAIT*
Capa dura;
220 x 150 mm;
120 pp.;
41 imagens;
ed. Stolen Books.
À venda na loja do Museu: 20,00 €.


Partilhe a sua visita

@museuberardo
#museuberardo
Museu Coleção Berardo

Siga-nos



/museuberardo

 Museu Coleção Berardo
Arte Moderna e Contemporânea

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

Mecenas:

 Tintas Robbialac^{SA}

Apoio à
exposição:

 BACALHÔA
WINES OF PORTUGAL